

**Catarina Benedita de Oliveira**  
**Elenira Amorim Numes Brittes**  
**Heluiza Oliveira dos Santos**  
**Liliana da Silva Moura Freitas**  
**Robson Canteiro Valenzuela**  
**Viviane Santos Miranda**

1ª EDIÇÃO

**COLETÂNIA: EDUCAÇÃO  
INFANTIL NO ÂMBITO  
FAMILIAR E ESCOLAR**

ISBN 978-65-84809-20-8

2011

**1ª edição**

Catarina Benedita de Oliveira  
Elenira Amorim Numes Brittes  
Heluiza Oliveira dos Santos  
Liliana da Silva Moura Freitas  
Robson Canteiro Valenzuela  
Viviane Santos Miranda

**COLETÂNEA: EDUCAÇÃO INFANTIL NO  
ÂMBITO FAMILIAR E ESCOLAR**

ISBN 978-65-84809-20-8

2022

 <http://periodicorease.pro.br/>

 [contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

 +55(11) 94920-0020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C694 Coletânea [livro eletrônico]: educação infantil no âmbito familiar / Robson Canteiro Valenzuela... [et al.]. – São Paulo, SP: [s.n.], 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-20-8

1. Educação infantil. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Valenzuela, Robson Canteiro. II. Santos, Heluiza Oliveira dos. III. Oliveira, Catarina Benedita de. IV. Brittes, Elenira Amorim Nunes. V. Frei, Liliana da Silva Moura. VI. Miranda, Viviane Santos.

CDD 371.72

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

---

*Editora-Chefe* Dra. Patrícia S. Ribeiro

*Revisão* Os autores

*Projeto Gráfico* Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

*Conselho Editorial* Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Faijardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonado, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

## Apresentação

Caríssimos leitores,

A organização deste livro foi realizada a partir de temas importantes na sociedade atual. Ante-exposto, este trabalho conta com 6 capítulos pautados em matérias contemporâneas e responsáveis por pautas importantes na atualidade.

Desejo boa leitura a todos e todas,

Os autores

# SUMÁRIO

CAPÍTULO 01.....	08
CAPÍTULO 02.....	21
CAPÍTULO 03.....	31
CAPÍTULO 04.....	49
CAPÍTULO 05.....	61
CAPÍTULO 06.....	81

## CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESCOLA COMO LUGAR DE EXPERIÊNCIA SOCIAL

### RESUMO

O presente trabalho pretende abordar experiências de crianças Na Educação Infantil e seu desenvolvimento nas instituições que articulam diversas lógicas de ação nas relações que estabelecem grupo da mesma faixa etária e com os adultos, pautadas nas amplas dimensões integradoras, de estratégica e de subjetivação - essenciais à noção de experiência social. O trabalho discute a necessidade de considerar as crianças da Educação Infantil no contexto de que toda criança demonstra gostar do brincar desde primeiros meses de vida, essa afirmação baseia nas vivências tanto no âmbito social, familiar e escolar.

**Palavras-chave:** Infância. Educação Infantil-Brincadeiras.

## **ABSTRACT**

The present work intends to approach children's experiences in early childhood education and their development in institutions that articulate different logics of action in the relationships that establish groups of the same age group and with adults, based on broad integrative, strategic and subjectivation dimensions - essential to the notion of social experience. The work discusses the need to consider children in early childhood education in the context that every child shows to enjoy playing from the first months of life, this statement is based on experiences in the social, family and school environment.

**Keywords:** Childhood. Children's Education-Games.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende, sob a perspectiva pedagógica, sinalizar as imensuráveis relações coexistentes entre as concepções da educação e o lúdico. Sintetizando que as ferramentas lúdicas, fornecem grande contribuição na construção dos saberes de toda criança da Educação Infantil, por compreender esta ação como fundamental para dinamizar a aprendizagem em todas as dimensões.

Considerando o brincar como ação inerente toda criança, cabe a práxis pedagógicas do professor da Educação Infantil, oferecer subsídios criando estratégias em diversificar situações que gerem condições em formular alavancos para que a criança sinta segurança em desenvolver as potencialidade e habilidades, ampliando dessa maneira, as limitações sociais. cognitivas, físicas e afetivas. Torna-se necessário uma conscientização da importância de aplicar atividades com as ferramentas da ludicidade em abundância, propondo as mais diversas e diversificadas brincadeiras e os jogos para facilitar a aprendizagem das crianças.

Sabendo que a capacidade de brincar abre um leque de espaço na decifração de enigmas, bem como propiciar um conhecimento de forma agradável e natural, como meio de estimular a interação com o meio, a socialização entre os grupos, desta forma possibilitando à criança agir de forma mais segura e autônoma.

O jogo por si só, não é naturalmente educativo, mas dependendo da sua maneira de aplicar, ele se torna educativo passando pelo processo metodológico, ou seja, por meio de jogos e brincadeiras o educador tem em suas mãos o poder em desenvolver metodologias que contribuam com o desenvolvimento intrinsecamente falando.

Todavia, é necessário ter clareza de que o jogo pode fortalecer o encontro de aprendizagens. Visto como uma situação que advém de forte potencial simbólico, sendo um fator preponderante da aprendizagem, mas de forma inteiramente aleatória, dificilmente previsível.

Diante de estudos bibliográficos e pesquisas em matérias que tratem do assunto. convém sinalizar que o lúdico já faz parte de estudos em tempos remotos, e que a cada dia novas concepções vêm sendo formulados para melhor compreensão desse fato histórico, em todas as dimensões da historicidade, contribuindo satisfatoriamente para as etapas da aprendizagem.

Assim sendo convém dizer que os tempos vividos hoje, são caracterizados pela ampla flexibilidade, sendo fundamental frisar que as diversidades culturais, acompanham a camada social, traduzindo e inserindo outros valores culturais, através das atividades lúdicas, como os jogos e as brincadeiras.

A convivência multiculturalismo acarreta exposições de brinquedos eletrônicos que toma lugar das brincadeiras há tempos, hoje dificilmente as crianças brincam na rua de suas casas, muitas vezes pelo perigo que está aumentando dia a dia, outras vezes pela falta de contato com essas

brincadeiras, pois os eletrônicos tomam lugar na vida das crianças do mundo atual.

Seguindo estas mudanças, observa que para compor este contexto histórico basta observar as mudanças ocorridas em tão pouco tempo em nossa sociedade.

Ainda em estudos das teorias, algumas considerações foram levantadas quando sintetiza as brincadeiras, os jogos, sendo parte integrante e indissociável do aprender, a criança que aprende brincando levará um aprendizado significativo para toda vida.

Portanto, para realizar deste projeto, foram utilizadas várias pesquisas bibliográficas, fundamentada na dimensão da reflexão de diversas leituras de livros, artigos científicos, inúmeras revistas e alguns sites, bem como ampla pesquisa de grandes autores que evidenciam tema em destaque.

Diante do contexto, o presente projeto abrirá uma leitura consciente acerca da importância do brincar na vida das crianças da Educação Infantil.

Seguindo a abordagem temática deste, é possível ressaltar a importância do brincar na Educação Infantil, traçando em suas discussões, sendo esta ação como elemento sendo indispensável na vida de toda criança.

Sabendo que o brincar é uma ação inerente a condição humana em especial as crianças, o brincar proporciona a criança momentos únicos, que contribuem positivamente no sentido de estimular todos os aspectos tanto cognitivos como emocionais.

Traçando paralelo entre Vygotsky e Piaget, percebe-se que ambos, mantém em suas teorias o brincar como parte fundamental do desenvolvimento e defende que esta ação deve fazer parte integralmente da vida de toda criança.

Piaget defendia que quando a criança brinca, ela assimila sua visão de mundo. Vygotsky fala criança brincando desenvolve a imaginação, a imitação e as regras.

## **JOGOS, BRINCADEIRAS E CONSTRUÇÃO DO SABER**

O lúdico tornou peça principal no traçado e comportamento humano. Por ser considerado como principal mentor em estar adentrando na Educação Infantil de forma prazerosa e divertida.

De modo que esta definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As afirmações mantêm como referencial as palavras de Antunes (2005, p.33) "as implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo".

Diante do pressuposto, convém mencionar que o brincar faz parte de uma ação nata e intrínseca de toda criança, ao envolver-se com esta atividade é possível ver os olhinhos infantis brilharem de tanta emoção, sem poder negar que toda influência diante das brincadeiras traz fatores positivos tanto no desenvolvimento infantil como nas aprendizagens das crianças.

Ao brincar a criança toma posse de valores que muito vão contribuir para vida toda, na ação do brincar a criança consegue desenvolver vários estímulos onde estes venham a somar positivamente nas formas atraentes do aprender.

Diante deste contexto, é de suma importância compreender quão necessário que as crianças da Educação Infantil mantem em contato com os jogos e brincadeiras, por saber que essas brincadeiras proporcionam para elas, inventar, reinventar, manipular, construir. imaginar, criar e recriar

seus intransponíveis limites e logo conseguem construir as aprendizagens em nível do saber.

Portanto, asseguram que as atividades lúdicas auxiliam a criança no processo cognitivo. na forma de elevar-se na imaginação, sendo capazes de formular seus pensamentos, ampliando a oralidade, estimulando a criatividade, desenvolvendo a capacidade de concentrar-se e atentar se nos processos do aprender.

A criança da educação infantil necessita antes de qualquer coisa, viver sua fase dentro das dimensões possíveis, com inserção das atividades lúdicas.

Educação Infantil é considerada a fase mais importante na formação do aluno, pois a base adquirida e solidificada durante este ciclo será a fundamental no processo de aprendizagem durante toda a sua vida escolar.

Por isso a importância de se buscar elementos que subsidiem as atividades e dentre esses a música tornou-se um poderoso recurso didático, as aulas em que se utilizam desse recurso devem são realizadas de forma a introduzir a magia dos sons, desenvolve a coordenação motora, permite o convívio social, desenvolve o raciocínio, a criatividade e outros dons e aptidões, além de favorecer na alfabetização.

No cotidiano escolar favorece crianças com problemas de relacionamento ou inibição. sendo considerado um agente facilitador no trabalho em equipe.

De acordo com Brescia (2003, p. 25), a música é uma linguagem universal, estando presente em todos os povos, independentemente do

tempo e do espaço em que se localizam, atua em todas as manifestações sociais e pessoais desde os tempos mais antigos.

Antes mesmo da descoberta do fogo, o já havia comunicação através de gestos e sons rítmicos. Por isso, tem presença marcante na vida das pessoas, seja criança ou adulto, e com isso acabou penetrando, também, na educação.

A linguagem musical favorece o desenvolvimento das percepções sensório-motoras. sendo que o aprendizado acontece inicialmente a partir dos seus próprios sons (choro, grito, risada), sons de objetos e da natureza (chuva, vento), o que possibilita a criança perceber que faz parte de um mundo cheio de vibrações sonoras.

Entre essas vibrações estão, também, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical.

Evidenciar a importância da musicalização para o desenvolvimento dos alunos de educação Infantil, e sua contribuição para a aprendizagem, torna-se cada vez mais importante, essa atividade está cada vez mais presente no cotidiano escolar.

Assim, aliar a prática educativa e a música é tornar a escola um local alegre e receptivo. Além de tornar-se um instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Estudos já comprovaram que as atividades que envolvem música melhoram a acuidade auditiva das crianças, aprimoram e ampliam sua coordenação viso-motora, desvela sua relação com o meio em que vive, desenvolvem a expressão corporal e a linguagem oral. Quanto mais as

crianças de comparam suas ações e as sensações obtidas através da música, mais o seu intelecto e o seu conhecimento se desenvolvem.

Neste sentido, o projeto intenciona evidenciar a importância que esse instrumento tem na formação da criança.

Para Sarmiento e Pinto (1997, p. 20), considerar meninos/as como atores sociais implica o reconhecimento da "capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas". Assim, consideramos que, no contexto das relações entre as crianças e os adultos.

Construindo outro olhar acerca da experiência infantil O estudo da experiência infantil como distinta, mas nem por isso menor do que a dos adultos (BENJAMIN, 1984) -requer a superação da ideia de que as crianças são seres sociais que pouco participo no próprio processo de socialização.

Nas concepções (MACHADO, 2010, p. 128). Conforme a autora:

A criança é um ser-no-mundo permeado de limitações, dadas pela imaturidade de seu corpo e pela moldura oferecida na convivência com a cultura ao seu redor, sobre o que é permitindo ou não para uma criança por ali, mas é uma pessoa desde a mais tenra idade apta a dizer algo sobre tudo isso diz algo em seu corpo, gestualidade, gritos, choro, expressões de alegria e consternação, espanto e submissão. Esses dizeres em ação, essas atuações no corpo, mostram se repletas de teatralidade: pequenas, médias e grandes performances, ações de suas vidas cotidianas que encarnam formas culturais no ser total da criança, ações visíveis e invisíveis aos olhos do adulto (MACHADO, 2010, p. 126).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a aprendizagem considerada como uma construção nada fácil para as crianças, em especial na educação infantil, sua plena execução é uma ação que exige mudanças de Virtudes do educador, resultando na concretização dos saberes.

A partir desta proposta de coletânea, é fundamental e necessária a inserção de ferramentas que proporcionam prazer e motivação nessa construção, onde a criança sinta vontade em participar dessa construção.

Diante do contexto educacional, entra os jogos e brincadeiras, como fonte de motivação, estimulação e incentivo, para uma construção que apresenta significado para vida das crianças. Sendo assim, os jogos e as brincadeiras não são vistos meramente como um meio de distração para a criança, nem tampouco como passa tempo e ou recreação, sua ação vai mais além, tornando um forte aliado na educação, emergindo como agente facilitador de apoio para processo da construção da aprendizagem.

Tomando o conceito da aprendizagem, como processo de total complexidade, não limitando apenas na aquisição de saberes, mas como elemento que ajuda os pequenos a se tornarem futuros adultos, passando a serem pessoas críticas, criativa e participante de uma sociedade, que seja capaz de defender seus ideais e seus pensamentos, saindo do senso comum.

Falar no universo infantil é arremeter ideias a uma fase que exige muito cuidado. bastante esforço, ampla atenção e pontos reflexivos reflexão por partes dos pais e professores.

Por ser uma fase que as crianças estão passando por formações de personalidade e caráter.

Compreendendo que o brincar faz parte da ação humana, não se podem negar estes momentos para crianças, pois são nesse espaço de tempo que ela advém de ferramentas para contribuir na formação deles.

Julgando o brincar como ação humana, facilmente compreende que as brincadeiras facilitam a criança a formalizar laços importantes para elencar na ação do aprender e concretizar seus saberes.

A interação entre o sujeito e o meio ocorre na vida infantil, logo, entende que inserir brincadeiras na construção da aprendizagem constitui como elementos básicos para sustentar a aquisição de saberes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda História da Educação 2 Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BRENELLI, R.P. O jogo como Espaço para jogar, Campinas: Papirus, 1996.

CELSO, A. Jogos para estimulação das múltiplas inteligências. 9. Ed Petrópolis: Vozes, 2001.

COMENIUS, João Amós. Didática Magna Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEWEY, JONH. Democracia e educação. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio

Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979b. Atualidades pedagógicas; vol. 21. 416p.

Experience and nature. New York: Dover Publications, Inc., 1958, 443p.

FERNÁNDEZ, A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clinica da criança e sua família. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1990.  
KISHIMOTO, T. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação São Paulo: Cortez, 1904

PIAGET. J. A construção do real na criança. 3. Ed. São Paulo Editora Ática, 2003. O Desenvolvimento Humano na Teoria de Plaget.

VYGOTSKY, LS: A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes1996.

REVISTA ATUAL (ISSN-037X) Volume 01 - Ano 2021

## LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPACTOS DA INCLUSÃO DIGITAL

### RESUMO

O atual trabalho aborda as TIC's como Impactos da Inclusão Digital como ferramenta da educação na aprendizagem Infantil visto como recurso de aprendizagem tecnológica onde o lúdico desempenha um papel determinante. Enfoca se em um breve histórico do uso das tecnologias na Educação Infantil sob o ponto de vista das políticas públicas educacionais, tanto de caráter pedagógica como a inclusão digital. Posteriormente apresenta as práticas pedagógicas necessárias para a escolha dos orientativos para o processo de ensino aprendizagem na educação infantil. Sabendo que a escola é o espaço aberto para construção de saberes e serve como pilar nas orientações de vida futuras, na percepção de atitudes que podem contribuir positivamente na formação integral de todo sujeito, em especial das crianças, que estão em formação de personalidade e valores. Neste sentido, convém analisar as técnicas usadas e atentar nas ferramentas disponíveis que podem ser utilizadas para facilitar esta construção das aprendizagens.

**Palavras-chave:** TIC'S Educação Infantil. Lúdico. Inclusão digital. Objetos de aprendizagem.

## ABSTRACT

The current work approaches ICT's as Impacts of Digital Inclusion as a tool of education in Child learning seen as a technological learning resource where play plays a decisive role. It focuses on a brief history of the use of technologies in Early Childhood Education from the point of view of educational public policies, both pedagogical and digital inclusion. Subsequently, it presents the pedagogical practices necessary for the choice of guidelines for the teaching-learning process in early childhood education. Knowing that the school is an open space for the construction of knowledge and serves as a pillar for future life orientations, in the perception of attitudes that can positively contribute to the integral formation of every subject, especially children, who are in the process of developing their personality and values.. In this sense, it is important to analyze the techniques used and pay attention to the available tools that can be used to facilitate this construction of learning.

**Keywords:** ICT'S early childhood education. Ludic. Digital inclusion. Learning objects.

## INTRODUÇÃO

Como introdução ao capítulo abrangendo o fator primordial a aprendizagem da Educação Infantil com enfoque nas mudanças que aconteceram. Por muitos anos, o processo educativo baseava somente como uma prática literalmente institucional, pertencente apenas a escola. Como a aprendizagem acontecesse de maneira formal, dentro de uma sala com disciplinas a estudar. Hoje esta visão tem transformado, e se pode compreender que esse contato com ferramentas tecnológicas, favorecer e fortalece de maneira positiva na aprendizagem dos alunos na Educação Infantil.

A fim de compor a execução deste capítulo, nasce uma concepção em desenvolver um trabalho de aprendizagem com as Tics inserido no campo escolar.

Diante da conceptualização destes espaços escolar, visto que a tecnologia considerada como uma ferramenta aliada ao processo educativo, por possibilitar desenvolver na criança competências, habilidades e desenvolvimentos nos aspectos sócio motor, afetivo, emocional e psicológico.

## DESENVOLVIMENTO

### AS TIC'S (TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO)

As inserções das ferramentas tecnológicas têm sido objeto de estudo e reflexão ao nível educacional a partir, sobretudo, dos anos 90 do século XX; no que se refere à Educação Infantil são consideradas poucas ações reflexivas das práticas pedagógicas no processo de aprendizagem para as crianças da educação infantil.

Aprender com as ferramentas tecnológicas, proporciona aos alunos aprendizagens inovadoras e criativas, entre elas: ampliar a oralidade libera emoções e sentimentos. desenvolve a expressão corporal, estimula a socialização, melhora a impostação da voz. desenvolve as habilidades para fazer artístico, aumenta a criatividade, aprende a se conhecer e conhecer o outro, aprende a resolver pequenos conflitos internos ligados a emoções, direciona a pesquisas, instiga a melhorar na redação, trabalha a ética, cidadania, preconceito. discriminação, a aceitar as diferenças, estimula a leitura, proporciona contatos com obras literários e clássicos, adquire posturas desinibidas, melhora a organização dos pensamentos e estimula o aspecto cognitivo, motor e sensorial.

## EMBASAMENTO TEÓRICO

Trata-se de um trabalho voltado para inserção de um novo modelo de educação. abrangendo levantamento bibliográfico com pensamentos de autores delimitando os principais lócus de disseminação dos prévios conhecimentos. Assim foram encontradas várias definições que tratem do assunto em livros e teses.

O presente capítulo demonstra que a aprendizagem tem várias ramificações em seu contexto, as TIC's é uma dessas ramificações, desenvolvido com o recurso tecnológico no aspecto da aprendizagem, apresenta como instrumento educacional a partir do momento que passa difundir saber como o fazer.

Vários estudos bibliográficos ressaltam a importância da aprendizagem com ferramentas inovadoras.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999, p 115), em suas concepções retratam o ser humano, como ser capaz de imitar e repetir todas as intenções e as ações dos outros, reproduzindo alguns movimentos, gestos e voz e ainda se divertem com isso, a capacidade da reprodução é grande, quando pensa em representar outras pessoas, vários aspectos são mensurados, na imaginação de lugares, transformações de vários objetos em outro, criação de novos e inusitados papéis, invenção de brincadeiras e ações que envolvem outras pessoas.

Diante do contexto explicito neste projeto, vem a fortalecer que o aprender é uma ação que necessita ser estimulada, que perpetua para vida

toda, pois ela encontra equilíbrio com ela mesma e com o mundo por desenvolve-se integralmente, despertando para a aprendizagem de maneira atrativa, estimulante, prazerosa e agradável, nos meios digitais.

As atividades da ludicidade, as atividades imersas a esta ferramenta facilitam a compreensão e entendimento, tornando-as interessantes e acessíveis para que o aluno possa construir seus saberes de forma coletiva, desenvolvendo assim, um espírito crítico e criativo.

## BREVE HISTÓRICO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para que se possa estabelecer um breve histórico sobre a tecnologia aplicada à Educação Infantil no Brasil, é necessário que se faça uma delimitação desse tema, vale dizer. uma tecnologia aplicada à educação enquanto uma política pública do Estado.

Isso se revela importante na medida em que no Brasil a realidade das escolas públicas é imensamente diferente diante das escolas privadas, onde as primeiras padecem de recursos financeiros e vontades políticas para o seu pleno funcionamento democrático e participativo.

Diante disso, o recorte visa a analisar, de maneira sucinta, as políticas públicas de fomento do uso da tecnologia no cotidiano escolar da Educação Infantil com vistas à aprendizagem que para Lopes (2005, p.02) a escola é o espaço onde se prepara "os indivíduos mais criativos que estarão adquirindo novos conhecimentos e integrando-se com um novo modo de aprender e de interagir com a sociedade".

Observa-se que as décadas de 80 e 90 do século XX tiveram no âmbito acadêmico e governamental projetos e políticas públicas voltadas à Tecnologia na Educação, sobretudo, a Informática, porém, seu foco foi a Educação de 1º e 2º Graus, hoje Ensino Fundamental e Médio, e os Cursos Técnicos, ficando a Educação Infantil deslocada dessas iniciativas.

Isso, talvez seja explicado pela dimensão limitada em que estava a Educação Infantil no final dos anos 80 e início dos 90 do século XX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esta etapa do capítulo mencionando as aprendizagens de forma atrativa. novos paradigmas surgem na concepção do "aprender" em tempos remotos compreendia que a ação do construir saberes estava ligada somente em espaços escolares, propriamente na sala de aula com exercícios repetitivos e muitas vezes cansativos.

Diante de transformações ocorridas em todas as camadas sociais e educacional surge novas outra possibilidade em descobrir uma maneira bem mais interessante, significativa e atraente para os alunos, as tic's.

Neste sentido, o presente capítulo pretendendo oferecer uma maneira dinâmica de aprendizagem na escola, inserindo as tecnologias em suas atividades fazendo que seus alunos construam um crescimento cultural que vai além da sala de aula, através de um rico discurso espontâneo em todas as áreas do conhecimento, motivando, incentivando, instigando e despertando uma aprendizagem lúdica, prazerosa, estimulante, significativa na construção dos conhecimentos.

Ao trabalhar com as novas tecnologias na aprendizagem a pessoa consegue liberar emoções, desenvolve a capacidade de raciocinar e armazenar informações, desenvolvendo também o aspecto cognitivo e motor, envolve em melhorias nos relacionamentos com o outro aprende a se ver e ver o outro, compreendendo que o trabalho só terá sucesso se o grupo todo empenhar para este fim.

Diante do exposto, pode-se concluir que as políticas educacionais públicas níveis de ensino ainda é um processo em construção percebido pela ausência de material para esse disponível no ambiente RIVED do Ministério da Educação para esse nível de ensino obrigando o professor a realizar adaptações a partir do material disponível somente nos níveis superiores.

Pode-se inferir também que o uso das TIC's no ambiente pedagógico da Educação Infantil mais que uma realidade de conexão com o mundo contemporâneo, reflete a clara intencionalidade de agregar a aprendizagem aos pressupostos da ludicidade que esse nível de ensino necessita e da consciência crítica do professor para a escolha e avaliação dos objetos de aprendizagem.

Por fim, quanto à pesquisa de campo, constata-se que a gestão escolar e a equipe pedagógica estabelecem em seu cotidiano o uso sistemático das TIC's, em parceria com empresa privada de elaboração de software educativo; ambas, gestão e equipe pedagógica analisam sua receptividade pela escuta das crianças. O que promove um excelente feedback para os especialistas.

Quanto às crianças observadas, viu-se o grau máximo de envolvimento, de alegria e satisfação, ratificando, assim, o espírito lúdico que essas atividades contêm.

Nesse sentido, a pesquisa de campo reafirma a ludicidade presente nas TIC's, o papel do professor na avaliação do objeto de aprendizagem e a inclusão digital necessária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria E. B.; PRADO, Maria E. B. B. Um retrato da informática em educação no Brasil. 1999. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br>> Acesso em: 22/08/2017 BRAGA, Juliana (Org.). Objetos de Aprendizagem: introdução e fundamentos. Santo André: UFABC, 2015. Disponível em: <<http://nte.ufabc.edu.br/cursos-internos/ntme/wp-content/uploads/2015/09/FundamentosEaDUnidade6.pdf>> Acesso em: 24/08/2017. BRASIL-MEC. Parecer CEB n° 022/1998.

LOPES, M. C. L. P. Formação tecnológica: um fenômeno em foco. Campo Grande: UCDB. 2005. Disponível em: <<http://nte.ufabc.edu.br/cursos-internos/ntme/wp-content/uploads/2015/09/FundamentosEaDUnidade6.pdf>> Acesso em 22/08/2017.

MATHIAS, C.V.; VASCONCELOS, J.F.N.: FAGAN. S.B. Objetos de Aprendizagem na Educação Infantil CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação V. 7 N° 1. julho, 2009, Disponível em: <[seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/14084/7976](http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/14084/7976)> Acesso em: 21/08/2017. MENEZES. N.C.A.P. Motivação dos alunos com e sem utilização das TIC'S na sala de aula. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense Infante Dom Henrique. Lisboa. 2012. Disponível em: <<http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/MotivacaodeAlunosTIC.pdf>> Acesso em: 2017/2018.

## O LÚDICO COMO ALIADO DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### RESUMO

O presente capítulo tem por objetivo refletir sob o Lúdico no Processo de Aprendizagem, uma vez que os jogos e brincadeiras são excelentes oportunidades de mediação entre o prazer e o conhecimento historicamente constituído, já que o lúdico é eminentemente cultural, avaliando seus limites e possibilidades no processo de aprendizagem. Brincar na infância é o meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências, descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, dos objetos e das pessoas com as quais convive. Sendo assim, quanto mais variável for a brincadeira, mais elementos serão oferecidos para o desenvolvimento mental e emocional da criança. Tendo como foco principal a influência da sua prática na aquisição da leitura e da escrita na Educação Infantil sendo um facilitador deste processo, promovendo uma aprendizagem significativa e prazerosa.

**Palavras-chave:** Ludicidade. Brinquedos. Brincadeiras. Professor.

## ABSTRACT

This chapter aims to reflect on the Ludic in the Learning Process, since games and games are excellent opportunities for mediation between pleasure and historically constituted knowledge, since the ludic is eminently cultural, evaluating its limits and possibilities in the learning process. Playing in childhood is the means by which children organize their experiences, discovering and recreating their feelings and thoughts about the world, objects and people with whom they live. Therefore, the more variable the play, the more elements will be offered for the child's mental and emotional development. Having as main focus the influence of its practice in the acquisition of reading and writing in Early Childhood Education, being a facilitator of this process, promoting a meaningful and pleasant learning.

**Keywords:** Playfulness. Toys. jokes. Teacher.

## INTRODUÇÃO

Ludicidade e o Jogo como uma ferramenta no processo de ensino aprendizagem é o tema abordado neste capítulo com objetivo de analisar o processo ensino aprendizagem através do lúdico.

O processo ensino-aprendizagem acontece por diversas maneiras e, na Educação Infantil, a ludicidade torna-se essencial.

A inserção de música, brincadeiras e brinquedos no cotidiano promove uma aprendizagem mais rica e prazerosa, levando as crianças a internalizarem conceitos que somente a audição não permite.

A brincadeira é um dos caminhos mais interessantes e democráticos oferecidos às crianças no resgate do espaço fundamental no universo infantil.

É um espaço privilegiado que reúne a possibilidade e o potencial para desenvolver as características lúdicas, objetivo de proporcionar aos alunos desenvolver potencialidades intelectuais, perspectivas, afetivas e sociais, uma das necessidades básicas para o desenvolvimento da criança, pois é por meio dela que procura entender o que a cerca, concretizar a vivência das fantasias e encontrar soluções para alguns de seus problemas, brincar é fundamental, desperta a criatividade, o raciocínio, o significado de ganhar e perder, o convívio com outras crianças no mesmo grupo, e assim podem conhecer umas às outras e ao espaço.

Para que tudo isto ocorra, a criança necessita ter liberdade para realizar suas brincadeiras usar sua criatividade para elaborar suas próprias regras, sendo verdadeiramente espontâneas, pois sabemos que a motivação é fator determinante para o aprendizado.

Sabe-se que a ludicidade na educação infantil é um tema que tem conquistado espaço no âmbito educacional, na medida em que o brincar, o jogo e o faz-de-conta desvelam a essência da infância e do próprio indivíduo e de seu uso permitindo um trabalho pedagógico que possibilite a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento.

Através do jogar e o faz-de-conta potencializam a aprendizagem através da ação intencional do professor.

Entende-se que o jogo é um facilitador da aprendizagem, é bem mais desenvolvido por teóricos e pedagogos do que há algum tempo, até mesmo pela preocupação cada vez maior em estar aliando o ensino a metodologias que garantam eficazes resultados na educação; e por se tratar de algo, dinâmico, exigindo certo cuidado e saber no seu planejamento execução

Sendo assim, cabe ao professor mediar o processo de ensino aprendizagem de jogos e esportes, que será mais consistente quanto maior forem as possibilidades de interação das crianças com as regras, gestos, espaço, material, seus pares e o "mundo" ao seu redor.

Uma intervenção qualificada pode ajudar os estudantes a se aproximarem deste objeto de conhecimento, que é o jogo.

Pelo lúdico a criança faz ciência, pois trabalha com imaginação e produz uma forma complexa de compreensão e reformulação de sua

experiência cotidiana. Ao combinar informações e percepções da realidade, problematiza, tornando-se criadora e construtora de novos conhecimentos (RONCA, TERZI, 1995, p. 98).

## O LÚDICO AO LONGO DA HISTÓRIA

É importante mencionar que o lúdico tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo".

Se achasse confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo.

O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano.

De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. Dessa forma, o lúdico apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana. Assim, na idade infantil a finalidade é essencialmente pedagógica.

Os jogos não são apenas forma de entretenimentos para gastar a energia das crianças, mas, meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Dessa forma, a ludicidade, tem sua importância para a saúde mental do ser humano é um espaço que merece atenção dos pais e educadores, pois é o espaço para expressão mais genuína do ser, é o espaço e o direito

de toda a criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

Assim, o lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a importância do lúdico na formação da personalidade. Através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relações lógicas. integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento c. por meio dele vai se socializando com as demais crianças.

Com isso, pode-se ressaltar que a educação lúdica esteve presente em várias épocas, povos e contextos e forma hoje uma vasta rede de conhecimento no campo da Educação.

## A LUDICIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A ludicidade é um tema que tem conquistado espaço no panorama nacional, seja pela relevância reconhecida para o desenvolvimento da criança na escola e onde a criança se torna criadora porque além da sua necessidade de exprimir seus sentimentos, precisa relacionar-se com o mundo.

Se o lúdico está relacionado ao brincar, o jogo, ao faz-de-conta é imprescindível lançar mão ferramenta como possibilidade de intervenção pedagógica dessa

A escola tem a missão de educar as crianças para que elas assim possam conviver em sociedade, e formar um cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres, utilizando a forma lúdica dentro do contexto das salas de aula, o aluno assimila melhor os conteúdos e faz comparações entre a vida social e a escola.

A atividade lúdica traz para o cotidiano escolar várias emoções como a curiosidade do aluno a respeito do novo, diferente, com isso lhe dará prazer em fazer as atividades, pois será dinâmico e a rotina no ambiente escolar será quebrada, desta forma o aluno se torna mais participativo e atuante.

E vale lembrar que as atividades lúdicas praticadas no ambiente escolar, não são como brincadeiras qualquer, têm uma intenção um propósito um objetivo a ser alcançado.

Para algumas escolas as dificuldades em trabalhar o lúdico sejam talvez a falta de recursos, porém segundo Cunha (2007, p.33):

Objetos, sons, movimentos, espaços, cores, figuras, pessoas, tudo pode virar brinquedo através de um processo de interação em que estes recursos funcionam como alimentos que nutrem a atividade lúdica, enriquecendo-a.

Todos os recursos são válidos para estimular a brincadeira. Fantasias, tecidos, chapéus, sapatos, fitas, tintas, pregos e martelos, quanto maior for a variedade de materiais para subsidiar a criatividade e a vontade de inventar, melhor.

O valor de um brinquedo para uma criança pode ser medido pela intensidade do desafio que ele representa para ela.

A escola pode e deve utilizar-se dos jogos, brinquedos, brincadeiras e musicalidade como recursos pedagógicos na aplicação de seus conteúdos, para assim promover a construção do conhecimento de uma maneira prazerosa, estimulante e criativa.

Segundo Marcelino (1996, p.38):

E fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... Como se fora brincadeira de roda [...].

## O LÚDICO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

A atividade lúdica se caracteriza por uma articulação muito frouxa entre o fim e os meios. Isso não quer dizer que as crianças não tendam a um objetivo quando jogam e que não executem certos meios para atingi-lo, mas é frequente que modifiquem seus objetivos durante o percurso para se adaptar a novos meios ou vice-versa, portanto, o jogo não é somente um meio de exploração, mas também de invenção (Bruner, apud Brougère, 1998, p.193).

A palavra lúdica vem do latim ludus e significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativa também à conduta daquele que joga que 3 brinca e que se diverte.

Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem de individuo, seu saber. seu conhecimento e sua compreensão de mundo. Conforme Piaget citado por (Wadsworth, 1984. p 44). O jogo lúdico é formado por um conjunto linguístico que funciona dentro de um contexto social; possui um sistema de regras e se constitui de um objeto simbólico que designa também um fenômeno

Portanto, permite ao educando a identificação de um sistema de regras que permite uma estrutura sequencial que especifica a sua moralidade. (Friedman, 1996, p. 41) considera que: Os Jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja,

quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

Assim, nesta perspectiva, os jogos lúdicos se assentam em bases pedagógicas, porque envolve os seguintes critérios: a função de literalidade e não literalidade, os novos signos linguísticos que se fazem nas regras, a flexibilidade a partir de novas combinações de ideias e comportamentos, a ausência de pressão no ambiente, ajuda na aprendizagem de noções e habilidades.

Desta forma, existe uma relação muito próxima entre jogo lúdico e educação de crianças para favorecer o ensino de conteúdos escolares e como recurso para motivação no ensino às necessidades do educando.

Os jogos lúdicos oferecem condições do educando vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas.

De acordo com (Vygotsky, 1984, p. 27), é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva.

Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

4 O educador deve oferecer formas didáticas diferenciadas, como atividades lúdicas para que a criança sinta o desejo de pensar.

Isto significa que ela pode não apresentar predisposição para gostar de uma disciplina e por isso não se interessa por ela.

Daí, a necessidade de programar atividades lúdicas na escola. (Goleman, 1999, p. 203) desenvolveu o conceito de inteligência emocional e salienta:

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais - inteligência emocional-designadamente confiança, curiosidade, intencionalidade. autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de cooperação. Conforme (Santos, 1999, p.12), para a criança, "brincar é viver".

Esta é uma afirmativa muito usada e bem aceita, pois como a própria história nos mostra, as crianças sempre brincaram e brincam, e certamente, continuarão brincando.

Sabemos que ela brinca porque gosta de brincar e que, quando isso não acontece, alguma coisa pode estar errada.

Algumas brincam por prazer, outras brincam para aliviarem angústias, sentimentos ruins. De acordo com (Kishimoto. 2002. p.146). "por ser uma ação iniciada e mantida pela criança a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer"

As brincadeiras são formas mais originais que a criança tem de se relacionar e de se apropriar do mundo.

É brincando que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendendo o tempo todo com as experiências que pode ter.

São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitar a apropriação da realidade, da vida e toda sua plenitude.

Os professores, aos pois estão buscando informações e enriquecendo suas experiências para entender o brincar e como utilizá-lo para auxiliar na construção do aprendizado da criança. Quem trabalha na educação de crianças deve saber que podemos sempre desenvolver a motricidade, a atenção e a imaginação de uma criança brincando com ela. O lúdico é parceiro do professor (MALUF, 2003, P. 29).

## **PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TRABALHO COM A LUDICIDADE**

De uma forma geral os professores da educação infantil sentem preparados para trabalhar com a ludicidade dentro e fora da sala de aula, pois vão se redescobrando, trocando experiências com as crianças e reconhecendo através de suas vivências que brincadeira é coisa séria. A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento.

A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.

Contudo, educar com ludicidade é um ato planejado carinhosamente, de forma que a proposta venha seduzir e envolver seus alunos ao prazer de conhecer.

A criança se empenha durante o brincar da mesma maneira que se esforça para aprender a andar, a falar, a se desinibir, a comer. Esse esforço é tão intenso que, às vezes, ela fica concentrada na atividade e em escuta quando alguém a chama. Essa mobilização presente nas condutas, lúdicas, por si só, deveria servir-nos como indicativo a respeito da importância que elas têm para as próprias crianças. (SEBER, 1995, p.53).

Quando se observar uma criança brincando, pode-se notar que qualquer objeto em função da utilização feita pela criança torna-se um brinquedo.

O educador precisa estar preparado para utilizar todos os tipos de brincadeiras e todos os materiais que dispõe para ter uma gama maior de estratégias a sua disposição.

A educação infantil deve respeitar a criança como um todo e assim promover o seu desenvolvimento integral e é por isso que não se deve levar à padronização de hábitos que não são mais utilizados pelos professores.

Os professores devem resgatar atividades de brincar de maneira global, utilizando com um antecedente da aprendizagem que virá como a alfabetização.

Utilizando muitas vezes os jogos e brincadeiras, os professores poderão estimular as crianças para uma aprendizagem muito mais fácil.

O brincar é uma atividade normal do ser humano. Ao brincar a criança fica tão envolvida com que está fazendo que coloque na ação seu sentimento e emoção.

A atividade artística, assim como o brincar, é um integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais.

Por isso, parte-se do pressuposto de que brincando a criança ordena o mundo a sua volta, assimilando experiências, informações e sobretudo incorporando atividades e valores.

## CONCLUSÃO

Os jogos e brincadeiras quando bem planejados constituem uma excelente situação de aprendizagem dos alunos colocando-os em ação, tornando-os corresponsáveis por seu processo de aprendizagem.

É preciso fortalecer a infância para que a criança que existe em cada ser humano floresça na idade adulta, assegurando a sobrevivência da sensibilidade, da afetividade e da capacidade de encantamento. Portanto, o aluno não é apenas objeto no processo pedagógico, e sim, um sujeito ativo, que participa e contribui para a construção do seu saber.

Além disso, brincadeiras e brinquedos auxiliam nas atividades motoras, o que proporciona uma coordenação motora bem definida nas crianças mostrando também grande facilidade de expressão, porém, finaliza-se de que o lúdico influencia positivamente no desenvolvimento psicossocial e cognitivo das crianças tornando-se um processo facilitador da aprendizagem.

Pode-se garantir que as brincadeiras é um fator determinante na personalidade do indivíduo, uma forma de expressão social e cultural, que resgata a cultura e ajuda na construção do conhecimento de crianças.

Ela atrai a criança, serve de motivação, deixa-a mais atenta, contribuindo para a elevação de sua autoestima.

A importância dos brinquedos e das brincadeiras no contexto escolar como elementos integradores e motivadores no processo de ensino aprendizagem. contribui para um ambiente estimulante, prazeroso e rico.

Observando que a prática interdisciplinar proporciona uma aprendizagem mais significativa e percebendo na realidade cotidiana a influência dos brinquedos e das brincadeiras no desenvolvimento cognitivo das crianças que incorporam a aquisição do aprendizado de forma prazerosa e significativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUGERE, Gilles. Jogo e educação. Tradução Patricia Chittoni Ramos Porto Alegre: ArtesMédicas, 1998.

CUNHA, Nylse Helena. Brinquedoteca: um mergulho no brincar. Aquariana, 2007.

Moderna, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GOLEMAN, Daniel. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. São Paulo: Graffex, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org), Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 5 Ed. São Paulo: Cortez. 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida, Jogos tradicionais Infantis: O jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes 1993.

MALUF. Ângela Cristina Munhoz. Brincar prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. RONCA Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. O movimento lúdico, In: A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995, cap. 4, p.95-103.

SEBER. M. G. Psicologia da Pré-escola: uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995. VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## O BRINCAR HEURÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NOVAS PRÁTICAS E DESAFIOS

### RESUMO

Você já observou com atenção o modo como as crianças brincam? O brincar heurístico é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois é nesse ato que as crianças trazem para suas brincadeiras o que veem, escutam, observam, descobrem e experimentam. Isso traz-nos recordações de nossa infância de um tempo em que tínhamos todo tempo para brincar, em que os usos que fazíamos dos jogos e brinquedos estavam relacionados com o contexto de nossas vidas e expressavam a visão de mundo que tínhamos. A brincadeira deve ocorrer em liberdade e sem a intervenção do adulto, que simplesmente deve preparar o ambiente e observar. Este trabalho visa destacar a importância pedagógica do brincar heurístico na Educação Infantil, embasado na perspectiva sociocultural, abordando a brincadeira como instrumento facilitador da aprendizagem, ressaltando o brincar como uma forma prazerosa, no qual as crianças interagem com o mundo e fazem suas próprias descobertas. E através de uma escuta e um olhar sensível, observando e registrando as interações e narrativas das crianças enquanto brincavam que evidenciamos como estes materiais proporcionam a imaginação, o faz-de-conta e as habilidades criativas das crianças, garantindo a todos o direito de aprender e aprender com prazer, autonomia e segurança.

**Palavras-chave:** Brincar Heurístico. Criança. Educação Infantil.

## ABSTRACT

Have you ever closely watched the way children play? Heuristic play is a privileged form of learning, as it is in this act that children bring to their play what they see, hear, observe, discover and experience. This brings us back to our childhood memories of a time when we had all the time to play, when the uses we made of games and toys were related to the context of our lives and expressed the worldview we had. Play must take place in freedom and without the intervention of the adult, who must simply prepare the environment and observe. This article aims to highlight the pedagogical importance of heuristic play in Early Childhood Education, based on the sociocultural perspective. approaching play as a facilitator of learning, emphasizing play as a pleasurable way in which children interact with the world and make their own discoveries. And through listening and a sensitive look, observing and recording the interactions and narratives of children while playing, we show how these materials provide children's imagination, make-believe and creative abilities, guaranteeing everyone the right to learn. and learn with pleasure, autonomy and security.

**Keywords:** Heuristic Play. Child. Child education.

## INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento da criança, a vivência do brincar está embasada a diferentes tempos e espaços.

O reconhecimento do ato de brincar como uma prática social, buscando conhecer a história da brincadeira, já que estamos cientes de que a criança que brinca atualmente é diferente da que brincava em tempos passados, pois, durante muito tempo, não lhe foi concedido um espaço para a infância nem, muito menos, respeitadas as suas necessidades educacionais específicas.

O brincar foi marginalizado pela sociedade até o momento em que as crianças foram diferenciadas dos adultos. O brincar heurístico surge visando proporcionar à criança a descoberta é vista como uma brincadeira de descobrir, explorar e inventar. Para que o brincar heurístico aconteça, é necessário um espaço tranquilo, livre de interferências e uma seleção rica de materiais. que possibilitem diferentes formas de investigação.

Dessa forma, as crianças poderão perceber e reinventar o significado e uso de cada objeto que manipulam.

Constata-se que muitos profissionais ainda utilizam o brincar para atingir objetivos bem

direcionados, mesmo com a gama de documentos e bibliografias legais que amparam a importância de contemplar momentos de brincadeira livre. Neste capítulo busco refletir sobre o brincar.

Não o brincar como um fim pedagógico específico, mas o brincar livre como espaço de criação, liberdade e autonomia

O lúdico vem ganhando espaço no meio acadêmico pela crescente quantidade de contribuições enquanto ferramenta pedagógica, desta forma, resgatar a ludicidade dentro de um

processo educativo, é ir a busca da construção de base para através de práticas e vivências. possibilitar que este aluno modifique seu foco de atenção e consiga enxergar além da realidade das sombras e possa vislumbrar suas potencialidades.

De acordo com Gomes (2004, p.47), a ludicidade é uma dimensão da linguagem humana. que possibilita a "expressão do sujeito criador que se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo".

Por meio das brincadeiras, as crianças podem atuar de forma criativa e utilizar a imaginação construindo narrativas carregadas de significados.

Para que o brincar heurístico seja de qualidade, é importante garantir tempo e espaço qualificado, diversificado e desafiador.

Espaço este que deve ser criado, recriado e enriquecido com uma gama de materiais variados, para que as crianças tenham uma atmosfera com diversos estímulos, onde possa interagir criar, inventar e atuar, fazendo as construções e modificações conforme o seu interesse e necessidade.

A criança enquanto brinca usa a imaginação e a criatividade, aprende e se desenvolve. elaboram hipóteses e organiza seu pensamento.

Neste processo de brincar estão incluídos os jogos, cuja função educativa é oportunizar a aprendizagem do aluno, seu saber seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

Nesse contexto, nota-se que ao longo dos tempos a educação tem apresentado a necessidade de implantar uma nova pedagogia, já que são muitas as dificuldades que as escolas têm em realizar um trabalho de qualidade e são inúmeros os desafios que os professores enfrentam para desempenharem suas atividades escolares e tornarem-se formadores de opiniões.

O brincar heurístico, visa mostrar a prática educativa lúdica como ferramenta facilitadora na aprendizagem da educação infantil e a importância em adquirir outras estratégias de ensino. insistindo nas mudanças metodológicas da educação infantil como uma das ações primordiais no ensino educacional.

A criança deve ter liberdade de escolher, pois a brincadeira é uma experiência livre e deve ser vivenciada da melhor forma possível, é por ela e através dela que a criança desperta suas habilidades e competências mais precisas para um bom desenvolvimento, que a conduzirá durante toda a sua vida.

Os professores devem conhecer a brincadeira sob uma perspectiva sociocultural, para, assim, compreender os benefícios que as contribuições possibilitam à Educação Infantil.

A ludicidade, em seu contexto geral, deve ser considerada coerente, tanto em relação à criança como ao adulto, pois ela envolve todas as capacidades da criança, demonstrando, através d brincar, a personalidade

dela. Trata-se de descobrir a si e ao mundo pelo simples ato de brincar, pois, demonstrando ação e imaginação, a criança se motiva a alcançar seus objetivos.

Piaget (1998) considera o brincar a linguagem típica da criança por ser mais expressiva que a linguagem verbal. Esta razão levou-o a atribuir ao jogo um papel de complemento imprescindível à análise da criança. O jogo representa, ainda, o equivalente ao lúdico da fantasia, além do que atualiza suas imaginações, seus desejos e suas experiências vividas.

Então, vale ressaltar que a ludicidade é um estímulo para o aluno, pois se sabe que por meio da mesma consegue-se estimular várias áreas do desenvolvimento infantil, como: cognitiva, motor e afetiva, desperta também as potencialidades através do meio em que a criança se encontra e do conteúdo a serem passados, de formas eficientes que causem estímulos para o aprendizado (PIERS & LANDAUL).

Aprender através da experimentação, experiência e exploração, é imensamente importante para as crianças, ao brincar elas investigam, descobrem e desenvolvem habilidades as quais dão sentido e significado à brincadeira.

## O BRINCAR HEURISTICO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

Nos últimos anos, a brincadeira vem sendo discutida e refletida como uma forma da criança conhecer a realidade interagindo com o meio em que vive.

Partindo de essa perspectiva o brincar heurístico é de suma importância para o desenvolvimento integral proporcionando condições de o aluno vivenciar situações- problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas.

O professor deve oferecer metodologias diferenciadas para que a criança sinta o desejo de pensar e aprender brincando.

Conforme (Santos, 1999. p.12), para a criança, "brincar é viver". Esta é uma afirmativa muito usada e bem aceita, pois como a própria história nos mostra, as crianças sempre brincaram e brincam, e certamente, continuarão brincando.

Sabemos que ela brinca porque gosta de brincar e que quando isso acontece, alguma coisa pode estar errada.

Algumas brincam por prazer, outras brincam para aliviarem angústias, sentimentos ruins.

Brougere (2004) diz que a brincadeira aparece como um meio de sair do mundo real para descobrir outros mundos, para se projetar num universo inexistente.

Assim, o brincar da criança não está somente ancorado no presente, mas também tenta resolver problemas do passado, ao mesmo tempo em que se projeta para o futuro.

Assim, o brincar heurístico passa a ser o mundo da criança, na qual ela pode construir desconstruir e reconstruir.

E ao professor como um forte elo entre as crianças e os objetos, e como mediador do conhecimento infantil, atento às questões das crianças, cabe a ele ajudá-las a compreender o mundo em que vivem.

E os pais devem ficar atentos para que a rotina das crianças, principalmente em sala de aula, esteja associada ao lúdico e para que elas se sintam à vontade para brincar de forma livre e espontânea:

A experiência do brincar heurístico nos faz compreender que as crianças aprendem pela ação e interação com múltiplos materiais, que criam hipóteses, imitam, constroem teorias, investigam, pesquisam, desenvolvem sua linguagem, autonomia e estruturação do pensamento.

As crianças são autoras, precisamos respeitar o tempo delas, um tempo que é único, e que o brincar potencializa-se em um tempo incomparável e único.

As brincadeiras são formas originais que a criança tem de se relacionar e de se apropriar do mundo.

E brincando que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendendo o tempo todo com as experiências que pode ter.

São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitam a apropriação da realidade, da vida e toda sua plenitude.

A brincadeira, é uma entrega, é lançar-se de corpo e alma é deixar que os acontecimentos nos conduzam.

Jogar é ser jogador. Brincar é ser brincante. Aproveite a fase para aprender brincando, pois, a brincadeira está intimamente ligada à aprendizagem.

Contudo, ao planejar atividades lúdicas é importante que o professor tenha em mente que quando brinca a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e conferem habilidades além de desenvolver competências, estimular a autoconfiança e a autonomia, proporcionar o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e atenção que são essenciais ao bom desempenho da criança na escola e na vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o conhecimento acerca do processo histórico da brincadeira é fundamental para a compreensão do percurso do ato de brincar ao longo dos tempos, podendo proporcionar aos professores uma comparação da brincadeira na sociedade antiga e contemporânea.

Acreditamos na importância pedagógica do brincar e ressaltamos ser necessário que todos os professores tenham essa concepção, para que possam contribuir efetivamente com o aprendizado das crianças, tornando-se mediadores do conhecimento infantil.

Para tanto o espaço, pode e deve ser considerado um forte aliado e parceiro pedagógico. Aos professores cabe adequá-los para atuação das crianças de forma desafiadora, a fim de proporcionar possibilidades singulares e significativas.

Assim, dentro dessa perspectiva, o brincar envolve os seguintes critérios: a função de literalidade e não literalidade, os novos signos linguísticos que se fazem nas regras, a flexibilidade a partir de novas combinações de ideias e comportamentos, a ausência de pressão no ambiente, ajuda na aprendizagem de noções e habilidades.

Desta forma, a brincadeira é vista como recurso fundamental para motivação no ensino às necessidades do aluno, onde ele torna-se protagonista do processo de ensino/aprendizagem. Portanto, a brincadeira deve ser incluída em todos os currículos das instituições que trabalham com a educação infantil, pois, essa é a maneira de se fazer valer todo o potencial que o lúdico proporciona ao desenvolvimento infantil.

O professor deve ser preparado em sua formação buscar embasamentos teóricos e práticos para utilizar o lúdico diariamente com as crianças, mantendo sempre um vínculo entre o aprendizado e a diversão.

A ludicidade é vista como mediadora e facilitadora da aprendizagem na educação infantil, pois, por meio de práticas pedagógicas motivadoras e inovadoras, no qual percebe-se que há a possibilidade de desenvolver uma aula significativa e prazerosa.

Sendo assim, vale lembrar que por meio deste trabalho podemos identificar as facilidades e dificuldades na incorporação do brincar na prática docente e descrever os benefícios que o lúdico traz para o processo ensino/aprendizagem dos alunos.

E para a incorporação do brincar é necessária uma política educacional que garanta a formação do profissional e principalmente que o professor reflita sobre sua postura em relação ao ensinar, aprender e ao avaliar seu aluno dentro das metodologias ativas e inovadoras.

Para tanto a exploração dos espaços e objetos, para a criança, é uma atividade que propicia a alegria da descoberta de si e do outro e contribuindo assim, de forma decisiva para o seu desenvolvimento.

Diante disso, podemos dizer que o brincar heurístico possibilita situar a criança e interagir no espaço e na cultura em que ela vive construir conhecimento, criar ideias, expressar emoções, aprender a conviver e assim conquistando, gradativamente, a sua autonomia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUGERE, G. Brinquedos e companhia. São Paulo: 2004.

GOMES, C. L (org.). Dicionário Crítico de Lazer. Belo Horizonte: Autêntico, 2004.

PIAGET. Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagens e representação. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

PIERS. M. W. LANDAU, G. M. O dom de jogar e porque as crianças não podem prosperar sem ele. São Paulo: Cortez, 1990. SANTOS, Santa Marli P. dos (org.). Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

## A FAMÍLIA E A DEFICIÊNCIA

### FAMILY AND DISABILITY

#### RESUMO

Política de inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino, não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a necessidade de rever concepções e paradigmas, bem como, desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades. Na atualidade, temos nos defrontado com novos paradigmas que estão mudando as representações sociais em torno das pessoas sem deficiências e evidenciando que elas podem ser participativas e capazes, desde que sejam propiciadas as condições, o respeito e a valorização de suas diferenças e lhes sejam oferecidas oportunidades. Para tanto, a proposta de sociedade inclusiva contém, implícita, a ideia de mobilização dos diversos segmentos sociais na busca do bem-estar de todos. Porém, são necessárias transformações intrínsecas, quebrando-se as barreiras cristalizadas e excluídas, tomando-se sujeitos de sua própria história. Sob essa perspectiva deve estar à ideia de valorização e respeito à diversidade humana, onde a desigualdade e todas as formas de exclusão sejam repudiadas garantindo a todos, o acesso aos bens e serviços da vida em sociedade. O papel da educação será de fundamental importância, na medida em que forem ressaltados e efetivados os compromissos da escola com todos e para todos.

**Palavras-chave:** Afetividade. Constrói. Aprendizagem.

## ABSTRACT

Policy for the inclusion of students with special educational needs in the regular school system does not consist only of the physical permanence of these students with other students, but represents the need to review conceptions and paradigms, as well as to develop the potential of these people, respecting their differences and meeting their needs. Currently, we have been faced with new paradigms that are changing social representations around people without disabilities and showing that they can be participatory and capable, provided that the conditions, respect and appreciation of their differences are provided and offered to them. opportunities. To this end, the proposal for an inclusive society contains, implicitly, the idea of mobilizing the various social segments in the search for the well-being of all. However, intrinsic transformations are necessary, breaking the crystallized and excluded barriers, becoming subjects of their own history. From this perspective, the idea of valuing and respecting human diversity must be considered, where inequality and all forms of exclusion are repudiated, guaranteeing everyone access to the goods and services of life in society. The role of education will be of fundamental importance, to the extent that the school's commitments to everyone and for everyone are highlighted and put into effect.

**Keywords:** Affectivity. builds Learning.

## INTRODUÇÃO

Os avanços e as mudanças ocorridas nos últimos anos são marcados pelo processo de globalização econômica e cultural e estão a exigir novas dinâmicas de interação familiar e social que leve a reflexões críticas, acerca dos paradigmas atuais e das práticas sociais vigentes que ainda evidenciam uma crescente desigualdade entre pessoas e famílias, em todos os segmentos sociais.

Particularmente em se tratando de famílias que tem filho (a) com deficiência, essas desigualdades ainda se refletem e se apresentam de maneira mais intensa quando os filhos recebem os mais diferentes rótulos, porque são percebidos como diferentes e incapazes.

Para que essas diferenças sejam respeitadas, é preciso modificar séculos de história, de preconceitos muito arraigados e isso não acontece de um dia para o outro. Primeiramente é desejável e necessário que os pais o vejam como um ser vivo, um ser humano com coração, alma e sentimento. Daí, a importância do papel da família em estar atenta às necessidades de seu filho, o compreenda, valorize, saiba lidar positivamente com as diferenças individuais e lute por uma sociedade mais justa e igualitária, onde haja uma política que respeite em todos os aspectos a diversidade humana.

Assim, o objetivo primordial deste trabalho de conclusão de curso de especialização em educação especial tem origem num processo pessoal de busca e reflexão em nossa trajetória de vida como mãe e como profissional atuando na área de educação especial, dedicando trabalho e afetividade àqueles

portadores de necessidades especiais, que tanto quanto qualquer outro são membros importantes da nossa sociedade de nossas famílias e de nossas vidas. Realizando a necessidade de pesquisar em várias fontes de informações como também analisar e refletir as situações vividas e questões concretas do cotidiano em relação À Família Frente à Deficiência.

## DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Ao fazermos uma retrospectiva da história do homem, enquanto sujeito social verificamos que suas formas de pensar e de agir estão diretamente ligadas às formas de produção econômica que tem determinado o modelo de homem considerado ideal para cada época, bem como tem inspirado as práticas sociais de aceitação e exclusão daqueles considerados pouco produtivos.

Fontes (1997, p.31), Afirma que:

A exclusão tem uma articulação direta com a dinâmica social como um todo, em especial com os desdobramentos do modo de produção capitalista. Assim, são excluídos do processo de produção todos aqueles que por uma razão ou outra não conseguem produzir de forma rápida e eficiente. O autor acrescenta ainda, o que se considera hoje como exclusão social, na realidade abrange diferentes concepções ao longo da história. As pessoas que apresentam dentro do contexto social uma disfunção ou inadaptação individual acabam por gerar ações governamentais ou de parte da sociedade civil organizada, que se traduzem em uma técnica corretiva de reparação, caracterizada por uma intervenção social, do tipo filantrópico ou de assistência social.

Para Martins (1996, p. 27):

Os portadores de deficiência sempre foram considerados como pessoas de fora, à margem da participação no sistema econômico, político e social — uma minoria — embora representem 10% da população mundial. Ao longo da humanidade, podemos facilmente identificar diferentes tipos de percepção a respeito das pessoas deficientes e que as atitudes para com eles mudaram de acordo com a evolução nas diferentes culturas, como o progresso científico, tecnológico e as características de cada período histórico.

Segundo Mazzotta (1993, p. 12-13):

As atitudes sociais distintas relativas a esse segmento da população, estes foram considerados como seres subumanos, degeneração da raça, como objetos de ridículo, merecedores de piedade, destinatários de caridade pública, eternas crianças, seres deficitários ou incompletos. Por fim, como pessoas e cidadãos”.

No entanto, essas atitudes embora caracterizem basicamente determinadas, coexistiram em vários períodos e ainda podem ser encontradas coexistindo atualmente.

Na verdade, a conquista dos indivíduos com necessidades especiais por um espaço na sociedade, foi lenta e gradativa principalmente pelo fato da existência de preconceitos estereotipados em relação aos mesmos. O fato é que as relações sociais em muitos casos ainda são estabelecidas em bases emocionais, impregnado de pieguismo e não no fato de serem eles sujeitos de direitos sociais.

No passado, a sociedade se defrontou primeiro com a etapa do extermínio, na qual a pessoa com deficiência não tinha direito à vida. Esses indivíduos eram tidos como castigos devendo ser banidos da sociedade com a morte.

Conforme pesquisa da UNESCO (1977, p.44), pode-se dividir a história em cinco fases:

1 — Fase filantrópica — em que as pessoas com deficiência são consideradas como eternas crianças, doentes, inválidas e incapazes.

Ainda nessa fase, supondo-se as pessoas com deficiências eram segregadas do convívio social e tratadas com sentimentos de lástima e pena, preponderando ações para tratamento e cuidados de saúde.

2 — Fase da assistência pública — em que o mesmo estatuto de doentes e inválidos implica a institucionalização da ajuda e da assistência social, ou seja, ações puramente paternalistas, oferecidas em instituições especializadas e específicas para determinados grupos de pessoas com deficiência.

3 — Fase dos direitos fundamentais — em que os direitos são iguais para todas as pessoas, quaisquer que sejam as suas limitações, ou incapacidades. É a época dos direitos e liberdades individuais e universais de que ninguém pode ser privado, como é o caso do direito à educação.

4 — Fase da igualdade de oportunidades-época em que o desenvolvimento econômico e cultural acarreta a massificação da escola e ao mesmo tempo, faz surgir o grande contingente de crianças e jovens que, não tendo um rendimento escolar adequado aos objetivos da instituição escolar, passam a engrossar o grupo das crianças e jovens deficientes mentais ou com dificuldades de aprendizagem.

5—Fase do direito a integração — na fase anterior se promovia o aumento das deficiências, uma vez que a ignorância das diferenças, o não respeito pelas diferenças individuais mascarado como defesa dos direitos e igualdade agravava essas diferenças, agora é o conceito de normalidade ou de normalização, que passa a ser posto em questão.

Ao analisar os termos normalidade/normalização, encontramos no dicionário (Aurélio, 1986, p. 355), alguns conceitos relativos aos mesmos:

Normalidade — ato ou efeito de normalizar; tornar normal; regularizar, submeter-se à norma; padronizar; Normalização — ato ou de voltar à normalidade ou normalizar-se.

Portanto, normalizar, não significa tomar normal a pessoa portadora de deficiência. Ela tem o direito de ser diferente, de ter suas necessidades especiais reconhecidas e atendidas pelas sociedades. Em outras palavras, é direito da pessoa portadora de deficiência ser aceita como é respeitada como qualquer cidadão com direitos e deveres, mesmo sendo diferente, mas nem sempre, em épocas distintas, foi esse o entendimento dado ao deficiente.

Segundo Silva (1987, p. 273):

Da mesma forma que na Europa, também no Brasil a pessoa deficiente foi considerada por vários séculos dentro da categoria mais ampla dos miseráveis. talvez o mais pobre dos pobres... Os mais afortunados que haviam nascido em berço de ouro ou pelo menos remediado certamente passaram o resto de seus dias atrás dos portões e das cercas vivas das suas grandes mansões, ou então escondidos, voluntária ou individualmente, nas casas de campo ou nas fazendas de suas famílias. Essas pessoas deficientes menos pobres acabaram não significando nada em termos de vida social ou política do Brasil, permanecendo como um peso para suas respectivas famílias”.

Logo após a chegada efetiva dos portugueses ao Brasil, observou-se que os índios praticamente não apresentavam aleijões e quando deformações havia, elas eram reconhecidamente de origem traumática.

Após anos de colonização tal e qual como entre os demais povos, e no mesmo grau de incidência, o brasileiro exibiu casos de deformidades, congênitas ou adquiridas. Foram comuns os coxos, cegos, zambros.

Ainda em Silva (1987, p. 284):

Muitos dos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos, e aqui sofreram muitos castigos físicos, chegando mesmo a terem o corpo marcado pelos maus tratos a eles infligidos. Muitas vezes eram vítimas de raquitismo, de beribéri, de escorbuto, ou seja, das síndromes mais sérias detentoras de carências alimentares.

A atenção formal às pessoas com deficiência iniciou-se com a criação de internatos, ainda no século XVII, ideia importada da Europa, no período imperial.

Segundo JANUZZI (1985), “o primeiro foi o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant — I.B.C, este foi criado no Rio de Janeiro, pelo Imperador D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº 1428, de 12/09/1854.

O segundo foi o Instituto dos Surdos Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos — I.N.E.S., também criado no Rio de Janeiro e oficialmente instalado em 26/09/1857. Ambos foram criados, pela intercessão de amigos ou de pessoas institucionalmente próximas ao Imperador que atendeu às solicitações, dada a amizade que com ele mantinha. Essa prática do favor, da caridade, tão comum no País naquela época, instituiu o caráter assistencialista que permeou a atenção à pessoa com deficiência, no País, e à educação especial, em particular, desde seu início.

As instituições foram gradativamente assumindo uma natureza de asilos, destinadas ao acolhimento de pessoas inválidas e durante muito tempo o atendimento aos portadores de deficiência foi assistemático, quase inexistente do ponto de vista de iniciativas oficiais no campo educacional.

Em 1906, as escolas públicas começaram a atender alunos com deficiência mental, no Rio de Janeiro. Logo em seguida, em 1911, foi criado

no Serviço de Higiene e Saúde Pública do Estado de São Paulo, a inspeção médico-escolar que viria trabalhar conjuntamente com o Serviço de Educação, na defesa da Saúde Pública.

Em 1912 (segundo JANUZZI, 1985) ou 1913 (segundo PESSOTTI, 1984) criou-se o Laboratório de Pedagogia Experimental ou Gabinete de Psicologia Experimental na Escola Normal de São Paulo, atualmente Escola Caetano de Campos.

Em 1917, surge as primeiras tentativas em estabelecer as normas para a seleção de anormais, já que na época prevalecia a preocupação com a eugenia da raça, sendo o medo de degenerescências e taras uma questão determinante na área da Saúde Pública.

No século XX, especialmente na década de 20, iniciou-se a expansão das instituições de educação especial caracterizada principalmente pela proliferação de entidades de natureza privada, de personalidade assistencial.

No que se refere à rede pública de ensino ela atendeu inicialmente somente, às pessoas com deficiência mental, tendo se sistematizado e organizado para isso, com a criação de normas e a centralização do atendimento.

Determinava-se então, que as crianças com deficiência mental fossem encaminhadas à educadora sanitária, a qual devia assegurar que a escola só as aceitasse se não atrapalhassem o bom andamento da classe (JANUZZI, 1985).

Na década de 60, o Brasil foi palco do surgimento de centros de reabilitação para todos os tipos de deficiência, no Paradigma e Serviços, voltados para os objetivos de integração da pessoa com deficiência na sociedade e suas diversas instâncias.

Na década de 70, mais especificamente em 1973, foi criado por meio do Decreto nº 72.425 de 03/07/73, o Centro Nacional de Educação Especial — CENESP.

Pela primeira vez podemos falar da instalação de diretrizes para o atendimento ao portador de necessidades especiais no sistema público de ensino.

Nesse contexto, surge em 1975, a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes e na década de 80, desabrocham correntes que valorizam cada ser humano, pertencentes ou não as minorias. E os deficientes vão à luta para conseguir duas importantes conquistas: Integração e Direitos Iguais. Em 1981, ano internacional da Pessoa Deficiente, veio motivar uma sociedade que clamava por transformações significativas nessa área, para debater, organizar-se e estabelecer metas, e objetivos que encaminharam, novos desdobramentos importantes.

Na década de 90 houve grandes avanços na área, com a criação da Política Nacional de Educação Especial e o Movimento da Educação Inclusiva a partir da aceitação política da proposta de Educação para Todos, produzida em Jomtien, Tailândia, na Conferência Mundial da UNESCO.

Ao assumir tal compromisso, o País determinou-se à profunda transformação do sistema educacional brasileiro, de forma a poder acolher a todos, indiscriminadamente, com qualidade e igualdade de condições.

Dando continuidade a esse processo, o Brasil adotou a proposta da Declaração de Salamanca, em 1994, comprometendo-se então com a construção de um sistema educacional inclusivo especificamente no que se refere à população de alunos com necessidades especiais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN e as Adaptações Curriculares publicadas pelo Ministério da Educação e Cultura MEC, vieram nortear e orientar os profissionais da Educação.

Conforme coloca SASSAKI (1997, p. 71):

A escola para todos, precisa mudar seu olhar e se basear numa filosofia aceitando a diversidade como eixo diferencial humano, o que implica no próprio posicionamento sobre o conceito de educação.

Partindo destas premissas, pensar em inclusão de qualquer educando no espaço escolar, sem que seja alvo de discriminação, implica em conhecer a realidade da escola e como se estabelecem às relações no seu interior para construir coletivamente os suportes e estabelecer em espaço plural que possa responder positivamente as necessidades dos educandos.

Nesta visão, a escola tem por dever buscar as respostas educativas considerando as necessidades básicas de cada aluno envolvendo Escola, Família e Comunidade na busca da ressignificação das diferenças individuais, reexaminando a prática pedagógica a fim de garantir o ideal democrático de uma escola que assegure a aprendizagem e o exercício da cidadania de alunos deficientes e não deficientes.

A afetividade é a atividade dos afetos. Os afetos são estados passivos do EU e são os conteúdos da afetividade. Os afetos são os únicos acontecimentos mentais exclusivamente subjetivos, isto é, que jamais se objetivam, nem pelos seus efeitos.

BALLONE (2000, p. 4), define a afetividade da seguinte forma:

Afetividade é o atributo psíquico que dá o valor e representa a realidade. Essa afetividade também é capaz de representar um

ambiente cheio de gente como se fosse ameaçador, é capaz de nos fazer imaginar que pode existir uma cobra dentro do quarto ou ainda, é capaz de produzir pânico ao nos fazer imaginar que podemos morrer de repente. A Afetividade valoriza tudo em nossa vida, tudo aquilo que está fora de nós, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está dentro de nós (causas subjetivas), como nossos medos, nossos conflitos ou nossos anseios. A Afetividade valoriza também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras.

Segundo este autor, a característica de subjetividade absoluta torna o estudo dos afetos extremamente problemático. Realmente, construir um conhecimento sobre eles implica no uso da linguagem, que é um sistema de sinais objetivados, é linear e descontínuo, enquanto os afetos são estados holísticos e sem qualquer correspondência objetiva. A única transposição que temos dos afetos para a linguagem é a sua nomenclatura.

Quando se fala de alegria ou tristeza, sabe-se do que estamos falando, e para todos, estão sendo faladas as mesmas coisas e todos sabem disso.

Entretanto, não é possível dizer o que é alegria ou o que é tristeza. Como superar tal dificuldade? É mister que se lance mão de um artifício, sabe-se que a cada afeto corresponde uma vivência e sobre as vivências pode-se falar perfeitamente. Assim, ao invés de se falar de um afeto, fala-se da vivência que ele integra, da qual faz parte. Deste modo, alegria é o afeto correspondente à vivência de satisfação de prazer, de contentamento e tristeza.

A família é o primeiro grupo a que pertence um indivíduo e onde ele tem a oportunidade de aprender através de experiências positivas, tais como: afeto, estímulo, apoio, respeito, sentir-se útil. E negativas: frustrações,

limites, tristezas, perdas, todas elas fatores de grande importância para a formação de sua personalidade.

Para ACKERMAN (in Regen), “a família é a unidade básica de desenvolvimento e experiência, realização e fracasso, saúde e enfermidade”.

O papel da família estável é oferecer um campo de treinamento seguro, onde as crianças possam aprender a ser humana, a amar, a formar sua personalidade única, a desenvolver sua autoimagem, e a relacionar-se com a sociedade mais ampla e mutável, da qual e para a qual nascem.

Segundo Fleming (1998, p. 30), “quando nos referimos ao núcleo familiar, pensamos em pais, mãe e filhos. As famílias mais extensas podem incluir avós, tios e primos”.

A família é a primeira unidade social integradora do qual o indivíduo participa e o amor, a compreensão, a confiança, o estímulo e a comunicação que permeiam essa relação são formas de motivação que utiliza para facilitar o processo de integração e participação do indivíduo nos diferentes grupos sociais da comunidade/sociedade.

Para Miranda (1978, p.53), “a família representa a instituição fundamental da sociedade. É o grupo social básico e nuclear e ao mesmo tempo, o mais antigo e primitivo”.

Segundo entendimento de Fagundes (1991, p. 8),

A família é uma estrutura ativa, na qual cada membro modifica o comportamento do outro mediante a troca constante, estabelecendo uma dinâmica entre o dar e receber.

Para AMIRALÍAN (1986, p.45):

A família não é um simples fenômeno natural. É uma instituição social que varia ao longo da história ou que apresenta formas e finalidades diversas numa mesma época e num mesmo lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado. Ela é a unidade social básica e a origem dos primeiros contatos sociais e físicos para o bebê. Sendo assim, cabe-lhe a importante tarefa de conduzir a criança no desempenho de vários papéis sociais durante o processo de desenvolvimento”.

Essas conceituações refletem a grande importância que a família adquiriu neste século, como a primeira célula social da qual fazemos parte e que será responsável por nossa formação individual e social.

Podemos considerar a família, segundo nos explica Maria do Carmo B. Carvalho, como um sistema bastante complexo, uma vez que:

- Cada família é única, diferindo em tamanho, elementos que a compõem, valores etc.
- É um sistema altamente interativo, pois o que ocorre com um de seus elementos repercute em todo ele.
- Passa por vários estágios de desenvolvimento, com grandes mudanças, como por exemplo a entrada de cada filho na relação, a fase da velhice dos pais etc.
- Alta expectativa de desempenho em atividades, e, em contrapartida, sentimento de que ele é um incapaz de produzir.
- Está inserida em unidade social maior, sofrendo o impacto de socio patologias, como guerras, recessão econômica etc.

A família exerce suas funções em sete áreas básicas, a saber:

1. Econômica — cabe aos pais a manutenção de sua prole.

2. Doméstica e de cuidados com a saúde — oferecer abrigo, alimentação, cuidados com a higiene e saúde.
3. Recreação — propiciar aos filhos momentos de lazer.
4. Socialização — desenvolver nos filhos a capacidade de se relacionar em outros grupos.
5. Autoidentidade — oferecer aos filhos noção de realidade e consciência dos limites: Quem sou? Qual o meu valor?
6. Afeição — oferecer afeto, possibilitando aos filhos desenvolver a capacidade de amar a si e aos outros, de expressar emoções.
7. Educacional / Vocacional — preparar sua prole para ser no mundo.

Os pais são os elementos de maior peso nessa trajetória. Em geral, todo casal deseja ter um filho. A expectativa de ser pai ou mãe gera muitas fantasias que são criadas nos tempos de infância e da adolescência.

Em artigo de Lara (1999, p49), todo casal ou quase todo, sonha com filhos. Mas filhos perfeitos que venham concretizar suas fantasias de crianças e que possam prolongar todas as realizações de ideal e de ser humano. Os pais em qualquer parte do mundo temos mesmos sonhos e esperanças em relação aos seus filhos. Mas nem sempre isso acontece e quando nasce um filho deficiente as expectativas geram verdadeiros conflitos. De maneira geral, nenhuma família está preparada para ter filhos deficientes, muito menos a sociedade tem estrutura suficiente para vencer as barreiras do preconceito.

Kogan & Tyler apud Telford & Sawerey (1984, p.177), comentam que,

A presença de uma criança deficiente na família constitui uma tensão adicional, e as reações defensivas têm probabilidade de ocorrer com maior frequência e em grau mais elevado nessas famílias do que nas famílias em que todos os membros são razoavelmente normais.

A influência do grupo familiar sobre o processo de desenvolvimento do portador de deficiência é tão significativa, quanto à interferência dele na dinâmica familiar.

Embora os pais tenham papel mais importante, não podemos esquecer a influência exercida pelos irmãos e colaterais. Muitos propiciam apoio e compreensão, outros desacreditam e destroem qualquer tipo de ajuda que os pais queiram dar a esse filho.

Isto é o reflexo do panorama geral das muitas reações e emoções que avassalam o coração e mente dos pais que tem filho (a) deficiente, que por sua vez nada mais é também do que o reflexo da indefinição de uma política em todos os setores governamentais de apoio as famílias dos portadores de deficiências, ou mesmo a falta de cumprimento, prático das leis já existentes em prol destas pessoas.

Léo Buscaglia (2002, p. 35) enfatiza que “dar à luz uma criança deficiente é um acontecimento repentino. Não há um aviso prévio, não há tempo para se preparar”.

Quando ao nascimento a criança apresenta algum tipo de problema, cada um dos elementos da família reagirá de forma diferente, havendo, na maioria das vezes, uma alteração no desempenho de papéis; isto porque além

de aprender, por exemplo, a ser pai / mãe, terá que aprender a ser pai / mãe de uma criança diferente. De um momento para o outro deverão conviver com uma criança que não esperavam, estabelecer uma relação que não desejavam e que lhes afigura ser muito difícil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indivíduos mais integrados socialmente, isto é, que levam uma vida mais normalizada, são aqueles que são tratados de maneira mais natural, mais normal por seus familiares que estão mais integrados na constituição familiar.

A família deve acreditar na potencialidade da criança considerando-a capaz de ser independente, capaz de desenvolver tantas coisas quanto às outras crianças normais fazem.

A influência da família no processo de integração social do deficiente é uma questão que deve ser analisada levando-se em consideração dois ângulos: a facilitação ou impedimento que a família traz para integração da pessoa portadora de deficiência na comunidade e a integração da pessoa com deficiência na própria família.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIRALIAN, M. L. Temas básicos de psicologia do excepcional. São Paulo: EPU, 1986.

BALLONE, G.J. Afetividade. In Psiqweb Psiquiatria Geal, Internet, 2000, Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/afeto.html>.

FONTES, V. Capitalismo, Exclusões e Inclusão Forçada, in Tempo. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Vol. 2, nº 3, junho, 1997. Rio Janeiro: Relume Dumará, 1997.

MARTTNS, Lúcia A. R. Educação Integrada do Portador de Deficiência. Revista Integração. 6, p.27-28, 1996.

MAZZOTTA, Marcos J.S. A Integração Virou Modismo. Revista Vivência, nº 13:12-13, 1993.

MIRANDA, S. Theobaldo. Bases Sociológicas da Educação. 2ª ed. 1978.

SASSAIKI, ROMEU K. Inclusão: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro:WVA, 1997.

SILVA, Otto Marques. A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: Cedas, 1987.

SOUZA, Maria do Rosário Silva. Afetividade: a questão afetiva se bem atendida ajudará seu filho para que tenha êxito na escola, in<<http://www.nib.unicamp.br/svollartigo53.htm>.

## AUTISMO: INCLUSIÓN DEL NIÑO AUTISTA EN EL AULA

### RESUME

Este capítulo se propone discutir las deficiencias en el proceso de enseñanza/aprendizaje del alumno autista y sugerir algunas orientaciones para el profesor regente o asistente para trabajar con este niño especial. Partiendo del supuesto de que el docente sabe poco o nada sobre el Autismo o Trastorno del Espectro Autista y el impacto que provoca esta anomalía en el proceso de enseñanza-aprendizaje en sus diversas características.

**Palabras clave:** Autismo. Enseñando. Aprendizaje. Estudiante profesor.

## RESUMO

Este capítulo pretende discutir as deficiências no processo de ensino/aprendizagem do aluno autista e sugerir algumas orientações para o professor regente ou assistente trabalhar com essa criança especial. Partindo do pressuposto de que o professor pouco ou nada sabe sobre Autismo ou Transtorno do Espectro Autista e o impacto que essa anomalia causa no processo ensino-aprendizagem em suas diversas características.

**Palavras-chave:** Autismo. ensino. Aprendendo. Professor estudante.

## 1. INTRODUCCIÓN

Según investigaciones, fue recién a partir de los años 60 que se empezó a hablar de niños especiales, hasta entonces estos niños especiales eran aislados por sus familias y muchos de ellos nunca ingresaron a una escuela. Aquellos los que tenían posesión contrataron a un maestro particular, pero los que no tenían las condiciones no estudiaron. Las dificultades y los trastornos del aprendizaje son siempre presente en la infancia y tuvo un fuerte impacto en la vida de ese niño, tu familia y tu entornas. Y entre estos trastornos destacamos el Autismo.

La expresión Autismo fue utilizada por primera vez por Bleuer, en 1911. Y años más tarde (1943) Leo Kanner designó los comportamientos asociados con de Bleuer como trastorno de contacto autista, y al año siguiente Hanns Asperger,

utilizó la expresión Psicopatía Autista para designar al Autismo. en un artículo titulado “Perturbación autista del contacto afectivo” Kanner describió:  
(...)

Desde 1938 ha llegado a nuestra atención un número de niños cuya condición difiere tan marcada y singularmente de todo lo mencionada hasta ahora, que cada caso merece, espero, eventualmente recibir una consideración detallada de sus fascinantes peculiaridades.

En las siguientes décadas el Autismo se fortaleció como una entidad diagnóstica siendo estudiada y analizada por muchos investigadores interesados en descubrir este extraño comportamiento. Se han realizado muchas investigaciones sobre este trastorno, pero la

Los datos de la investigación en el área del autismo en la última década apuntan a numerosos descubrimientos hacia la causa biológica del autismo (o las posibles causas).

Desafortunadamente, hasta la fecha, no existe un tratamiento médico que haya eficacia demostrada para mejorar los síntomas primarios (deteriorados en las áreas de interacción social y comunicación).

Pero, ¿qué es exactamente el autismo? Es un trastorno del neurodesarrollo, que según investigaciones afecta a 5 de cada 10.000 niños que nacen y entre ellos los más afectados son hombres. Y lamentablemente según estudios más recientes

hubo un aumento en el número de niños afectados por el trastorno llegando a 60 en cada 10.000 niños, mostrando un aumento asombroso en el número de casos.

¿Cómo Leo Kanner hizo efectiva su búsqueda? Observar que cierto grupo de niños presentaba aislamiento social, alteración del habla y extrema necesidad de mantenimiento de rutina. Kanner llamó a esta lista de síntomas autismo.

Las causas del autismo aún se desconocen, pero la investigación en el área es cada vez más intensa. Es probable que haya una combinación de factores que conduzcan al autismo. Se sabe que la genética y los agentes externos juegan un papel conductual en las causas del trastorno Según la

Asociación Médica Americana, las hipótesis de que un niño desarrolle autismo debido a la herencia genética son el 50% de de todos os modos, muchos genes parecen estar involucrados en las causas del autismo.

Algunos hacen que los niños sean más susceptibles al trastorno. otros afectan el el desarrollo del cerebro y la comunicación entre las neuronas. aún otros determinar la gravedad de los síntomas.

A lo largo de los años, se há percibido que el autismo se há fortalecido como una entidad diagnóstica que está siendo estudiada por muchos investigadores. Y en estas investigaciones se amplió el concepto de autismo, admitiéndose hoy que existen diferentes grados de autismo. Según los datos recopilados de acuerdo con la descripción inicial de Kanner, solo las personas con un deterioro severo en la vida diaria se consideraban autistas. Por ello, es fundamental entender que el autismo hoy en día es considerado un síndrome conductual en el que encontramos una gama de severidad para el conjunto de síntomas.

El autismo es un trastorno del desarrollo que suele aparecer en los tres primeros años. En la literatura médica se describen numerosas enfermedades y alteraciones. factores genéticos que se sabe que se correlacionan con la presencia de síntomas de autismo. Entre ellos podemos mencionar el síndrome de rubéola congénita, formación del cerebelo, esclerosis tuberosa, síndrome de Rett, (niñas) West, el síndrome de Asperger y el síndrome del sexo débil. El niño autista puede presentar un aspecto totalmente normal, y también un perfil irregular de desarrollo.

Los principales síntomas del autismo, resultantes de problemas físicos en el cerebro, son: alteraciones en el ritmo de aparición de las habilidades

físicas, sociales y lingüísticas; a reacciones anormales a las sensaciones. Las funciones as áreas más afectadas son: visión, oído, tacto, dolor, equilibrio, olfato, gusto y forma de mantener el cuerpo; habla y lenguaje ausentes o retrasados, ciertas áreas específicas del pensamiento, presentes o no, ritmo del habla inmaduro, comprensión restringida de ideas.

## EL PAPEL DEL MAESTRO

Después de leer e investigar, observamos que se deben dar algunos pasos en la alcance de la intervención temprana en autistas. El profesor suele ser el primero en identificar que el niño está teniendo alguna dificultad, pero los padres y otros miembros de la familia debe prestar atención al desarrollo y comportamiento del niño

promover su mejor aprendizaje y remitirlos a un médico. esto le dará continuación del diagnóstico de este niño, que involucró a todos los profesionales necesarios ya la familia del alumno, para que pueda vivir en sociedad como una persona normal y ser comprendido en sus diferencias.

El papel de la escuela es hacer lo que se reconoce a nivel de educación, en la elaboración de estrategias para que estos alumnos con autismo sean capaces de desarrollar habilidades para integrarse e interactuar con otros niños denominados “normales”. dando atención, cuidado, amor y debe velar toda la vida. Es necesario tomarse unas horas para para que los niños se sientan queridos y demuestren lo aprendido. 'Hasta ahora el.

Los sistemas educativos han abordado el problema a través de medidas de facilitación, como cuidadores, maestros de refuerzo y salas de aceleración, que no resuelven mucho menos afrontar el reto de la inclusión. Bueno, calificar una escuela para recibir todos niños implica medidas de diferente naturaleza, que tienen como objetivo reestructurar la enseñanza y sus prácticas

habituales y excluyentes. En inclusión, no es el niño quien se adapta escuela, pero la escuela que para recibirla debe transformarse, señala.

La escuela debe conocer las características del niño y proporcionar el alojamiento. requisitos físicos y curriculares; formar profesionales continuamente nueva información; buscar consultores para evaluar con precisión a los niños preparar programas para atender diferentes perfiles como los autistas pueden tener diferentes estilos y potencialidades; concienciar a los docentes de que incluso la evaluación de los aprendizajes debe adaptarse; educadores conscientes que para el autismo, el conocimiento y las habilidades tienen diferentes definiciones; analizar el entorno y evitar situaciones que tengan un impacto en los estudiantes, cambiar el entorno si es posible; la escuela debe proporcionar todo el apoyo físico y académico para garantizar el aprendizaje de los alumnos incluidos; La actividad física regular es esencial para el trabajo motor; la inclusión no se puede hacer sin la presencia de un facilitador y la tutoría debe ser individual; un tutor por estudiante; la inclusión no elimina los apoyos terapéutica; necesidad de desarrollar un programa educativo paralelo al inclusión y en las clases inclusivas el alumno debe participar en las actividades que tiene posibilidades de éxito, especialmente en las actividades de socialización. La escuela debe demostrar sensibilidad a las necesidades del individuo y la capacidad de planificar con la familia lo que se debe hacer o continuar en el hogar.

Según la Coordinadora de la ONG Autismo e Realidade Joana Porto, los equipos directivos muchas veces no están preparados para desarrollar un

plan pedagógico con niños autistas, y con eso buscan el seguimiento de un asesor terapéutico, lo que, a juicio de la coordinadora, es un error "No debes promover la sustitución según ella. Cuando se entiende que tal profesional es necesario en la escuela, el trabajo debe ser complementario. sin que disminuya la

responsabilidad del docente", por lo que, más que el aprendizaje en sí mismo, es necesario la calidad de la educación que se ofrece. 'Un plan de enseñanza que respeta

la capacidad de cada alumno y que propone actividades diversificadas para todos y considerar el conocimiento que cada estudiante trae a la escuela". Los educadores deben desarrollar un programa de educación individualizado para enfocarse en los problemas específicos del niño. Esto incluye terapia del habla y del lenguaje, así como habilidades entrenamiento en habilidades sociales y cotidianas. Deben idear estrategias para que estos niños sean capaces de desarrollar habilidades de interacción con otros niños. Incluso algunos niños son incapaces de concentrarse, incluso por pocos segundos. Para superar esta dificultad, es necesario planificar situaciones de enseñanza estructuradas, dividiendo lo que deben aprender en pequeños pasos y objetivos.

A continuación describiremos algunas características que el docente debe tener en cuenta. El profesor debe estar atento a la fijación ocular del niño con autismo, porque los niños en el Espectro Autista tienen dificultad para centralizar su visión o incluso centrar su atención en ciertos objetos, o incluso mirar en el cara de los padres. El niño autista tiene graves dificultades para percibir el triángulo entre los ojos, la nariz y la boca, así como sentirse inseguro cuando mueve tu mirada sin saber fijarla.

Por lo tanto, al interactuar con este estudiante, es bueno dirigir este trígono y fijar el ojos en ella mientras interactúan. El profesor tiene que estar atento cuando se dirige a un alumno autista. Cada vez que hables, agáchate y míralo directamente a los ojos.

Cuando muestre cualquier objeto, colóquelo siempre en el campo central visual. Esto hará que se sienta estimulado a percibir otras áreas del cerebro. Otras situaciones de las que tenemos que estar atentos son la hipersensibilidad que sienten en la piel, en el

oído, en la visión Llévalos a ataques de llanto, a veces incluso llevándolos a la automutilación.

Lo que as percibe es que no pueden asimilarse ni siquiera organizarse, o armonizar estas sensaciones haciéndolas menos dolorosas. O maestro, al iniciar el proceso de inclusión de un niño con necesidades educativas especiales asociadas con el autismo infantil, pueden sentirse incapaces de interactuar con ese niño. La sensación es que el niño simplemente se niega a interactuar. con el profesor y aprender todo lo que él proponga. esto sucede porque algunas habilidades necesarias para el aprendizaje y los dones, incluso como un niño con discapacidad mental, considerado por la mayoría de los docentes como común a todos niños, no se encuentran en niños autistas (SANTOS, 2013).

## FACTORES IMPORTANTES

Otro punto importante es el entendimiento de que el peculiaridades cognitivas (o estilo cognitivo) de las personas con autismo y no las defectos cognitivos. El hecho de que existan diferencias en la forma de tramitar la estímulos y experimentar el mundo no significa que los de las personas no autistas sean correctos y que el autista se equivoca.

1. Según Wikipedia desde 2010, se estima que la tasa de autismo es de alrededor de 2 por cada 1000 personas en todo el mundo, ocurriendo 4-5 veces más a menudo en niños que que chicas. Alrededor del 1,5% de los niños en los Estados Unidos (uno de cada 68) son diagnosticados con ASD, a partir de 2014, há habido un aumento del 30%, uno en 88,

en 2012. La tasa de autismo en adultos mayores de 18 años en el Reino Unido es del 1,1 %.

El número de personas diagnosticadas há aumentado dramáticamente desde la década de 1990. 1980. En parte debido a cambios en la práctica de diagnóstico e incentivos financieros subsidiado por el gobierno para realizar diagnósticos; la cuestión de si las tasas reales han en realidad aumentó, todavía no es concluyente dos.

Otro punto importante abordado en la tabla anterior es el hecho de que existe una tendencia hacia el pensamiento visual en las personas autistas.

Temple Grandin (1996), una famosa autista y ahora dama, reporta con gran precisión el hecho de que sus pensamientos son totalmente visuales.

Temple se refiere. Que las palabras que soy y escucho parecen instantáneamente en imágenes coloridas como las que ves en una película.

Refiere que se sorprendió cuando descubrió, cuando era mayor, que otras personas no pensaba visualmente como ella y que para la mayoría de la gente la

las habilidades lingüísticas eran mayores que las visuoespaciales. Entonces el nivel intelectual no es lo que determina el autismo, sino las dificultades en la interacción social, comunicación y el repertorio restringido de hábitos e intereses. la propuesta educativa (Tratado de Guatemala, 1991; Declaración de Salamanca, 1994) declara que

todos los estudiantes deben tener la posibilidad de integrarse a la educación regular, incluso personas con deficiencias sensoriales, mentales, cognitivas o que tienen

comportamiento, preferiblemente sin retraso de grado de edad. Escuela, de acuerdo con esta propuesta, debe adaptarse para satisfacer las necesidades de estos estudiantes insertado en las clases regulares. Por lo tanto, la educación inclusiva debe ser puesta en práctica en una escuela inclusiva que busca acciones que favorezcan la integración y la opción por prácticas heterogéneas. En 1996 se publicó la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional, que en su artículo (59) recomienda que los sistemas educativos deben asegurar currículo, métodos, recursos y organización específicos para los estudiantes.

para satisfacer sus necesidades. En 2008, la Política Nacional de La Educación Especial desde la Perspectiva de la Educación Inclusiva, que aboga por el acceso, participación y aprendizaje de estudiantes con discapacidad, global desarrollo y altas competencias, en escuelas regulares (BRASIL, 2008).

La escuela debe conocer las características del niño y proporcionar la adaptaciones físicas y curriculares necesarias; formar a los profesionales continuamente y en busca de nueva información; buscar consultores para evaluar precisamente los niños; preparar programas para cumplir con diferentes perfiles ya que los autistas pueden tener diferentes estilos y potencial; concienciar a los docentes que los aprendizajes debe adaptarse; educadores conscientes que para el autismo, el conocimiento y las habilidades tienen diferentes definiciones; analice el entorno y evite situaciones que tengan un impacto en los estudiantes, cambie el entorno si es posible.

Es importante continuar la educación de un niño autista, para volverse menos dependiente, incluso si esto implica varios intentos, y no puede aprender. Y necesito responder con prontitud cada vez que el niño autista solicite y prueba el diálogo, la interacción.

Cuando llamas a un niño autista y no contesta, es necesario ir hacia ella, tomar su mano y llevarla a hacer lo que se le pedía. Todos una vez que el niño logra realizar una tarea, o decir una palabra, o finalmente, mostrar progreso, es aconsejable respaldarlo con elogios. Cuando quieres al niño mire a la maestra, sostenga suavemente su rostro, dirigiéndolo hacia el cara de profesor. Puedes hablar con el niño, incluso si su mirada está lejos, con el objetivo de desarrollar una relación basada en el control,

seguridad, confianza y amor. A través de la mediación del maestro, el niño será capaz de desarrollar una adaptación al aprendizaje y una transformación de las estructuras cognitivas del niño

Es importante seguir enseñando a un niño autista, a ser menos dependiente, aunque esto suponga varios intentos y no pueda

aprender. Y necesito responder con prontitud cada vez que el niño autista solicite y prueba el diálogo, la interacción.

Cuando llamas a un niño autista y no contesta, es necesario ir hacia ella, tomar su mano y llevarla a hacer lo que se le pedía. Todos una vez que el niño logra realizar una tarea, o decir una palabra, o finalmente, mostrar progreso, es aconsejable respaldarlo con elogios. Cuando quieres al niño mire a la maestra, sostenga suavemente su rostro, dirigiéndolo hacia el cara de profesor. Puedes hablar con el niño, incluso si sus ojos están distante, con el objetivo de desarrollar una relación basada en control, seguridad, confianza y amor. A través de la mediación del maestro el niño puede desarrollar una adaptación al aprendizaje y una transformación de estructuras cognitivas del niño.

El diagnóstico es sólo el primer desafío que Brasil debe enfrentar. En

Luego viene la parte más complicada, el tratamiento. Tiene que ser individualizado y involucra a varios profesionales. Realizar trabajos destinados a las dificultades que envuelven el tema ya justificarían el abordaje del mismo. Se trata de un relevamiento bibliográfico sobre el tema seguido de algunos observación basada en la experiencia del autor con esta audiencia. es necesario comprender el proceso de desarrollo y aprendizaje y, para ello, utilizaremos como una referencia a la teoría del desarrollo cognitivo de Piaget, que se

traduce diferentes formas de organización mental y diferentes estructuras cognitivas, que servirán de base para crear una enseñanza pianística adecuada para cada niño. autista. Este trabajo pretende: aproximarse al concepto, características y criterios de diagnóstico autista; demostrar la posibilidad de que la persona autista pueda relacionarse con la sociedad y el potencial para aprender.

En cuanto a las adaptaciones de la categoría de actividad, es interesante informar que la el aprendizaje, la motivación y la capacidad de atención mejoran considerablemente cuando el el maestro logra mezclar hechos o datos que tienen relámpago.

Con esto, el maestro y los demás educadores de la escuela deben tratar de comprender el problemas de comportamiento de los niños con autismo considerando su Visión Mundial.

No significa que la escuela tenga que ceder a las rabietas y los gritos, pero la comprensión por qué es más fácil negociar, discutir, anticipar, usar imágenes y explicar lo que le está pasando al niño.

Y de suma importancia las actividades de desarrollo para el pensamiento eric, permitir la autonomía intelectual y disfrutar de la búsqueda de lo nuevo y lograr pensamientos innovadores. Utilizando el arte en un entorno abierto como recursos, pinceles, diferentes colores, lienzos, piso, paredes, grandes espacios en general para hacer aún más placentero de practicar, teniendo una mejor intervención y visualizando la interacción Social. Juegos apropiados, que contribuyan de forma positiva, facilitando la

trabajo en equipo, creatividad, concentración y atención. Al alentarlos, permitimos que el conducta de otro niño para acercarse y dar una opinión, habilitando y dando la Imaginación de descubrimiento.

Muchos tienen un gran potencial. Algunos incluso pueden tener un poco más de dificultades, no comprenderá temas tan complejos, debido a la abstracción. Pero, en general, aprende y puede hacer una vida normal. vemos muchos estudiantes con don para el dibujo, las matemáticas y la Informática. Los niños autistas aprenden si y nos traen grandes alegrías!

## CONSIDERACIONES FINALES

Finalmente, es importante hablar de la dificultad de atención que se encuentra en el estudiantes con autismo. Este cuadro varía, una vez más, según el grado de autismo y la grupo de edad del niño. Esta queja, sin embargo, es sumamente frecuente, siendo narrada a Dificultad para mantener la atención en actividades como “dar vueltas” o leer un cuento. (para los más pequeños) y atención en clase (para los mayores).

En conclusión, es fundamental tener claro que cuando se trata de educación para el autismo debe tenerse en cuenta que no se trata solo de aprender académico y sí a un aprendizaje más global, que debe incluir habilidades sociales, lenguaje, comunicación, comportamientos adaptativos y reducción del comportamiento problemático. Este proceso de educación para las personas con autismo debe implicar la familiares, docentes, profesionales extraescolares implicados en el caso, además de los Portadores de autismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Gikovate, C; Mousinho, R. Espectro autista y sus implicaciones educativo. Río de Janeiro: Revista SINPRO Año 5, nº 6, 2004: 26-33.
- 2- Gikovate, C — [www.carlagikovate.com.br](http://www.carlagikovate.com.br) — Sitio web orientado al autismo.
- 3- Nilsson, I — Introducción a la educación especial para personas con Espectro autista y dificultades de aprendizaje similares. temas de desarrollo 12 (68): 5-45 mayo-junio 2003.
- 4- Petters, T. Autismo: comprensión teórica e intervención educativa. Cultura Médica, Río de Janeiro.